

INTERSECÇÕES ENTRE RACISMO E GORDOFOBIA PARA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E ANTIGORDOFÓBICA

SULAMITA ROSA DA SILVA

Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil

MARIA LUISA JIMENEZ-JIMENEZ

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

SUYANNE HÉRIA VIEIRA DE SOUZA

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Miracema do Tocantins, Tocantins, Brasil

RESUMO: O presente estudo analisou o impacto da interseção entre racismo e gordofobia no ambiente educacional, empregando como base teórica autoras e autores sobre os estudos transdisciplinares das corporalidades gordas, interseccionando com reflexões sobre raça, decolonialidade e interseccionalidade. Além disso, este estudo respaldou-se em uma abordagem netnográfica a partir das contribuições de ativistas gordas no ciberespaço, com o conteúdo ministrado em uma formação online, que teve por título "Intersecções entre Racismo e Gordofobia: uma introdução", com o objetivo de promover práticas educacionais antirracistas e antigordofóbicas. Espera-se que esta pesquisa estimule debates nos Direitos Humanos, especificamente na educação formal e não formal.

PALAVRAS-CHAVES: Gordofobia; Racismo; Interseccionalidade; Direitos Humanos.

INTRODUÇÃO

Gordofobia é a manifestação do preconceito contra pessoas gordas, além de ser também uma violência de gênero, por afetar majoritariamente mulheres, e é uma expressão da questão social que acarreta perda de direitos e consequências psicossociais (Souza, 2022).

Pensar em gordofobia é ter em consideração que a interseccionalidade significa discriminações de gênero, de raça e de classe (Crenshaw, 2002), já que se sobrepõem na vida de mulheres negras. Todavia, quando falamos sobre mulheres negras gordas, os estigmas do sexismo e do racismo são perpassados também pela gordofobia, que significa o preconceito contra pessoas gordas de modo estrutural.

É importante entender que a discussão sobre quais corpos¹ são saudáveis perpassa pelo significado de saúde equivocado por privilégios e padrões impostos pela branquitude, que institucionaliza, impõe e denomina as relações ditas saudáveis e belas ou quais são os corpos aceitos pela sociedade. Ainda, a branquitude, nas palavras de Piza (2016), tem a ver com uma posição de poder não nomeada, e, conforme Maldonado-Torres (2019), manifesta-se por meio da colonialidade do ser, do saber e do poder, sendo assim, representa a desumanização de corpos não brancos nos aspectos simbólicos e materiais.

A partir dessas reflexões, que são resultados de duas pesquisas em andamento: uma de doutorado² e a outra de pós-doutorado³, nós, enquanto pesquisadoras,

sistematizamos uma formação, um minicurso online, que teve por título “Intersecções entre racismo e gordofobia: uma introdução”, na qual fizemos uma introdução sobre os conceitos de racismo científico, gordofobia e interseccionalidade. Foi com base nos frutos dessa formação que elaboramos o referido artigo.

Nessa perspectiva, este artigo tem por objetivo nos fazer pensar sobre as relações entre racismo e gordofobia, refletindo sobre os impactos dessas intersecções no campo da educação. A pesquisa foi de abordagem qualitativa e netnográfica, consistindo nas reflexões teóricas de autores e autoras que discutem sobre raça e gordofobia, saberes produzidos no ciberespaço, em especial, artigos traduzidos de sites que explanam sobre a temática, acrescidos das reflexões teóricas que socializamos no minicurso “Intersecções entre racismo e gordofobia”, ofertado em 2023 por duas das autoras.

Propomos que o presente estudo contribua para construção e aprofundamento de mais pesquisas no âmbito da educação, da saúde e dos direitos humanos em uma perspectiva interseccional, além de trazer para o debate em educação a relação na qual a gordofobia está intrinsecamente ligada ao racismo, visto que a hierarquização de corpos, desde a colonização das américas e África, tem consequências no mundo atual (Césaire, 1977).

QUAIS VIDAS IMPORTAM?

Judith Butler (2019) pensa as diferenças de classe, raça e gênero como fundamentais no critério com que julgamos quais vidas têm o direito de serem vividas, quais vidas são consideradas sem valor, podendo ser destruídas ou desaparecer sem deixar rastro ou consequências aparentes. Isso significa que essas vidas não foram plenamente concebidas como vivas e, portanto, não foram plenamente concebidas como dignas de serem choradas ou vividas.

De acordo com Butler (2019), vidas são hierarquizadas. Quais são as que têm direito à saúde, ao cuidado, e quais não? E quais corpos têm acesso a saúde e quais não?. Na sociedade em que vivemos, há corpos que são considerados abjetos, ou seja, desprezíveis, baixos e ignóbeis. Infelizmente, muitas vezes esses corpos são privados de direitos básicos, como acesso à educação, à saúde e à dignidade.

A filósofa aborda como essas pessoas estão em vulnerabilidades, vítimas de violência. Logo, é relevante refletirmos sobre quem tem acesso a uma vida plena e feliz, e quem é privado desses direitos. A dignidade, o respeito, a saúde e a educação devem ser direitos universais, garantidos a todos os seres humanos, independentemente de sua aparência, orientação sexual, gênero ou qualquer outra característica. Então, quais Vidas/Corpos importam? Butler nos provoca a pensar em uma hierarquização de corporeidades.

Ao analisar a hierarquização das vidas em nossas sociedades, Butler (2019) questionando as estruturas sociais que favorecem algumas em detrimento de outras. Ela destaca as relações de poder que perpetuam a marginalização e desigualdade, incentivando a reflexão crítica sobre as injustiças que permeiam nossa sociedade. Sua

abordagem incita à reflexão das normas e práticas sociais que moldam as relações de poder e as consequências para os marginalizados, corpos abjetos.

É pelo viés da abjeção que Butler (2020) inaugura o debate acerca da vulnerabilidade das vidas. Quais corpos são abjetos em nossa sociedade, quem pode e quem não pode estudar, ter acesso à saúde, ser desejado, ser assumido, ser feliz? Quem tem acesso à dignidade, respeito, saúde, vida, educação, entre outros acessos?

Dentro desse cenário das intersecções de gênero, raça e classe, a corpa feminina, preta, gorda e periférica, por exemplo, tende a sofrer mais violências e as consequências da hierarquização das corporeidades, como apresenta Butler (2020), sendo naturalmente mais vulneráveis nas estruturas sociais opressoras por ser um corpo considerado “desviante” da “normalidade” posta. Sobre isso, Butler (2019) apresenta que a vulnerabilidade é uma condição intrínseca à experiência humana, e a hierarquização das identidades sociais acarreta diferentes níveis de exposição à violência e opressão. Para a autora, é crucial compreender que a vulnerabilidade não deve ser interpretada como uma fraqueza, mas sim como uma característica fundamental da condição humana. Além disso, Butler critica a forma como as hierarquias sociais são construídas e reforçadas, realçando a importância de reconhecer e contestar as estruturas de poder que perpetuam a marginalização e exclusão de determinados grupos. A abordagem proposta por Butler fornece perspectivas significativas para repensar as dinâmicas de poder e vulnerabilidade na sociedade contemporânea.

Frente a isso, é evidente na sociedade brasileira a existência de um ideal eugenista de controle dessas corpos. Nesse sentido, Melo (2023), ao falar sobre isso, também nos leva a mencionar que o “desviante” se atrela a corpos com deficiência física, neurodivergentes, por exemplo, portanto, refere-se a todo e qualquer corpo que fuja do “padrão estético” considerado “perfeito”. Perfeição essa que, de acordo com os parâmetros da branquitude, é representada pela magreza, pela brancura, sem qualquer deficiência, neurodivergência ou transtorno. Todos esses corpos são constantemente excluídos, violados e oprimidos.

Desde muito cedo, na primeira infância, esses corpos já são estigmatizados, hierarquizados e desestimulados quanto às suas potencialidades. A gordofobia e o racismo fazem com que, na formação dessas pessoas, elas acreditem que não estão, nem são importantes para a vida.

ABORDAGENS SOBRE OS ESTUDOS TRANSDISCIPLINARES DO CORPO GORDO, MOVIMENTO BODY POSITIVE E OS ESTUDOS DA OBESIDADE

Hoje no mundo temos duas linhas que pesquisam as corpos gordas: os estudos da obesidade, como os estudos de Puhl, Andreyeva e Brownell (2008) e Poulain (2013), ligados à saúde, e os estudos transdisciplinares das corporalidades gordas. A Pesquisa Gorda critica e denuncia a violência construída pelos estudos da obesidade quando associam, a partir do cálculo do IMC (Índice de Massa Corporal), que pessoas gordas são doentes, assim como patologizam, medicalizam e hierarquizam as corporalidades. Além de não levarem em consideração o que as próprias pessoas gordas têm a dizer - suas subjetividades, histórias, afetos, culturas -, os estudos da obesidade não constroem conhecimento com pessoas gordas. Para a pesquisa gorda, isso é fundamental, um ponto de partida (Puhl; Andreyeva; Brownell, 2008).

Com a origem desse termo “gordofobia”, sua expansão e aparição nas mídias, muitos movimentos neoliberais e capitalistas se aproveitam e aparecem no cenário com diversos discursos que distorcem ou misturam o significado dos estudos da corpa gorda e do ativismo gordo com o do movimento *body positive*, o que causa muita confusão. Engana-se quem acredita que lutar e difundir o discurso do amor próprio sobre os corpos é ativismo gordo. Mais do que isso, conforme aponta estudos transdisciplinares das corporalidades gordas, os estudos da obesidade, por exemplo, ganham ainda mais força quando abordam a gordofobia como questão de saúde e cuidado, tornando o termo “estigma do peso” mais aceito ao discutirem a violência que pessoas gordas sofrem no seu cotidiano pelo tamanho de seus corpos (Jimenez-Jimenez, 2024; Fachim, 2022; Piñeyro, 2016; Santolim, 2015).

O discurso científico/médico é legitimador desse ponto de vista. Como se sabe, ainda se tem a ideia, nos estudos da área de saúde de que ser saudável é estar magro. Os estudos da obesidade a consideram uma doença e formalizam o emagrecimento como uma questão de saúde (Jimenez-Jimenez, 2024). Lupton (2013) designa os estudos da obesidade como “antiobesidade”, em que se situam discursos que entendem a gordura corporal em “excesso” relativa ao IMC - usado para medir os graus de obesidade de um indivíduo - sendo esse “excesso” nocivo um assunto de saúde pública, assim, se deve prevenir os/as cidadãos contra o “sobrepeso” e a “obesidade”, entendendo-a como doença e, desse modo, é necessário ser combatida (Souza, 2022). Grosso modo, os estudos da obesidade criam um terror em cima da gordura em uma espécie de conscientização que facilita a eliminação do corpo gordo, através do discurso clássico da saúde e bem-estar (Jimenez; Cruz; Gomes, 2023).

Diferente dos estudos da obesidade e distante dos estudos do corpo gordo, o *body positive* surge como uma espécie de resultado da rejeição social dos corpos - e aqui nos referimos ao mencionado no início, todo e qualquer corpo que fuja da norma imposta. As corpos que fogem ao padrão de beleza imposto pela sociedade são colocados à margem dela. Michel Foucault (2008) elucida que existe um modelo de se comportar, esperado e exigido socialmente, sendo uma forma de transformar indivíduos em corpos dóceis, para serem dominados. Portanto, corpo é também um objeto de poder, e as questões que envolvem as práticas e ensinamentos de beleza em prol do emagrecimento, por exemplo, são uma forma de dominação da corpa, buscando moldá-lo para que se encaixe.

O movimento *body positive* surgiu nos Estados Unidos, no final da década de 90, quando Connie Sobczack e Elizabeth Scott fundaram o instituto *The Body Positive*. Na sua pesquisa, a autora Jessica Cwynar-Horta define o *body positive* como “qualquer mensagem, visual ou escrita, que desafia as formas dominantes de ver o corpo físico de acordo com os ideais de beleza e encoraja a recuperação da incorporação e do controle sobre a própria imagem” (Cwynar-Horta, 2016, p. 38). Uma das principais questões do movimento é a aceitação do corpo e o incentivo à beleza própria.

A luta contra a gordofobia e os estudos do corpo gordo, como exemplificado em Souza (2022), precisam incluir pautas que visam assegurar os direitos humanos, a dignidade de vida e a construção de políticas públicas que possibilite a plena expansão e garantia dos direitos das pessoas gordas. Amar o corpo gordo não impede que esse

corpo seja maltratado e constringido em um atendimento médico, ou que esse corpo faleça em uma mesa de cirurgia. O corpo gordo pode ser amado, “mas a cadeira, em diversos espaços sociais, continua pequena para o meu corpo” (Souza, 2022, p 21).

Dessa forma, os conhecidos estudos do corpo gordo, *fat studies*, estão presentes desde a década de 1970, quando o movimento social *Fat Rights Movement* emergiu do movimento de contracultura dos anos 1960 nos Estados Unidos e instaura o ativismo gordo, que combate a gordofobia, ganhando visibilidade e combatendo o preconceito gordofóbico, definido como uma aversão e uma forma de discriminação social em relação às pessoas gordas.

Esses estudos, portanto, se diferem dos aspectos fisiopatológicos associados à adiposidade corporal e se centram na vida dessas pessoas na sociedade. Os estudos gordos, segundo O’reilly e Sixsmith (2012), discutem as diversas expressões de discriminação das pessoas gordas, entre elas a medicalização da gordura, e problematizam os riscos que a gordofobia traz às pessoas gordas por gerar problemas psicossociais (Souza, 2022). Ainda, esses estudos discutem a estigmatização do corpo gordo e como isso dificulta o acesso dessas pessoas ao mercado de trabalho, já que seus corpos gordos são tidos como mórbidos, improdutivos, ineficientes e preguiçosos (O’reilly; Sixsmith, 2012).

O ativismo gordo, de acordo com Jimenez-Jimenez (2019), representa os “[...] corpos gordos de maneira positiva, despadronizando a exigência vigente de um corpo magro para ser feliz e respeitado”. E, indiscutivelmente, como coloca Pausé (2022), “[...] o ativismo gordo e os *Fat Studies* são irmãos, e procuram compreender e atravessar uma sociedade patologizante da gordura e, na teoria e na prática, humanizar o corpo gordo”. Ambos estão, conforme explana essa autora, em um precipício de um mundo emergente, onde as libertações dos corpos gordos não podem ser desagregadas da libertação de todas as opressões (Pausé, 2022, p. 86).

INTERSECÇÕES ENTRE RACISMO E GORDOFOBIA

Conforme já exposto, a gordofobia é o preconceito contra pessoas gordas, manifestando-se em forma de discursos (pensamentos, ideais discriminantes) e práticas (falta de infraestrutura, violências verbais e físicas, entre outros). Essas discriminações reverberam nas escolas, nas universidades e demais instituições, acentuando-se ainda mais quando interseccionadas com o racismo e com as violências de gênero.

Na exclusão dessas corporeidades que fogem ao padrão imposto pela sociedade, realizamos a intersecção entre racismo e gordofobia. Nessa intersecção com a raça, a gordofobia acaba por ser também antinegritude, devido ao ódio contemporâneo à gordura que nasce na época da colonização e do tráfico de pessoas vindas do continente africano, como nos traz Strings (2019). Os corpos negros eram constantemente associados ao pecado, e, com isso, a estigmatização e a patologização do corpo gordo negro demonstram a legitimação das hierarquias sociais interseccionadas em raça, classe social e sexo.

Strings (2019) aborda que a fobia pela gordura e a preferência pela magreza não tem sido, principal ou historicamente, relacionadas à saúde, mas sim a essa legitimação. Portanto, o medo da imaginada mulher negra gorda, conforme aponta a

referida autora, está ligado ao racismo e ideologias religiosas que foram usadas para descredibilizar mulheres negras e disciplinarizar mulheres brancas.

Ao compreendermos que a gordofobia teve origem no racismo científico, tivemos a ideia de fornecer uma formação, de modo online, que teve por título "Intersecções entre racismo e gordofobia: uma introdução". Para inscrição prévia no curso, disponibilizamos um formulário eletrônico simples. Ao todo foram 25 pessoas inscritas, oriundas de várias partes do Brasil, sobretudo das regiões sul e sudeste.

Quando partimos para a análise dos dados referente ao formulário de inscrição que os cursistas preencheram, a primeira informação que chamou atenção foi que 70% das pessoas presentes eram autodeclaradas brancas, 12,5% pretas e 16,7% pardas. Uma das perguntas feitas aos participantes foi: "Na sua opinião, como o racismo está ligado à gordofobia?" Para analisarmos, as respostas foram enumeradas, preservando a identidade dos cursistas.

De modo geral, apesar de uma grande parte terem sido respostas genéricas tais como "sim", "através de preconceitos" e respostas resumidas como "a origem da gordofobia é o controle de corpos de pessoas negras", algumas se destacaram ao demonstrar o conhecimento, mesmo que mínimo, acerca da interseccionalidade que atravessa o corpo gordo:

Acho que todas as estruturas de opressão estão interligadas e operam de forma a complementar e potencializar umas às outras segundo o princípio da interseccionalidade. Também acho muito importante considerarmos mais profundamente o impacto das opressões que estão diretamente ligadas aos corpos, sua imagem, expressão e existência, e como isso impacta a nossa capacidade de transitar e ocupar espaços físicos e subjetivos (cursista 1).

Considerando as questões étnicas e raciais, o corpo que não se enquadre nos padrões hegemônicos (europeu/colonizador- branco, magro, traços finos) é considerado fora da norma, desviante, sendo inferiorizado e discriminado, colocado para servir apenas em trabalhos braçais que atendam a uma elite branca e contribuindo para a manutenção das opressões (raça, gênero e classe). Vemos isso em filmes, novelas, séries, como representação da vida e contribuindo de forma significativa para a manutenção de estereótipos estigmatizantes (cursista 2).

Ambas são violências estruturais colonialistas que impõem determinados corpos sobre outros como mecanismos de poder e nem sei até q ponto são separáveis (cursista 3).

Ambas são formas de violência contra as pessoas. Uma intersecciona a outra. Me lembro de uma fala da Ellen Valias em um bate-papo que acompanhei dela: - Quando estou em um espaço para falar de gordofobia não me olham como preta, e quando estou em um espaço pra falar de racismo não me olham como gorda.

Acredito que é necessário então que no espaço de discussão da gordofobia aconteça o recorte do racismo e vice-versa (cursista 4).

Penso que a gordofobia e o racismo são construções sociais produzidas e reproduzidas pela racionalidade biomédica, entre outras possibilidades de interseção. Corpos pretos gordos são colocados em um lugar de maior alijamento que outros corpos. Com o curso, busco qualificar minha prática clínica (cursista 5).

De todas as respostas do formulário, apenas essas cinco (autodeclaradas pessoas brancas) demonstraram algum conhecimento prévio da temática. Ainda, o que nos chama atenção é que uma das únicas pessoas pretas, nos depoimentos, evidenciou esse entendimento através da própria vivência: *“Por experiência, ser mulher, gorda, preta e periférica, ambos atravessam meu cotidiano ao ser duplamente preterida através de falas, olhares, gestos naturalizados ou disfarçados de preocupações”* (cursista 6).

Diante disso, sabemos que corpos negros e gordos são submetidos a violências simultâneas, pois as discriminações se interseccionam, como nos aponta Crenshaw (2002). Não obstante, devido ao público interessado nas discussões ter sido, em sua maioria, das regiões sul e sudeste e autodeclaradas de cor branca, refletimos que o discurso e a luta contra a gordofobia podem ainda não estar chegando às pessoas negras, periféricas e de regiões que não seja o sudeste do país sobre a temática.

O que nos permite analisar essas e outras reflexões, aliadas a contribuição direta das vivências e subjetividades na pesquisa sobre gordofobia, por exemplo, de pesquisadoras do tema que também possuem o corpo gordo e experienciam no seu dia a dia a gordofobia, é que o presente texto foi tecido. Em suas relações sociais, as consequências da gordofobia são tratadas como uma realidade na qual nós, seres humanos, somos agentes. Minayo (2011), ao falar da cientificidade nas ciências sociais, nos permite, em nossas análises acerca desse ponto mencionado acima, compreender que o sujeito que vive na “pele” aquele preconceito ou situação consegue ter um entendimento maior sobre os seus atravessamentos, mesmo que esse não seja acadêmico.

Da mesma forma, ao construir saberes sobre corporalidades gordas, é importante levar em consideração a presença e participação de pessoas gordas nessa construção de ciência e conhecimento. Essa atenção tem sido um dos pilares tanto dos estudos do corpo gordo quanto de raça, trazer a localização dos saberes (Haraway, 1995, p. 13).

Criticar a epistemologia ocidental dominante, que exclui perspectivas e conhecimentos de grupos subalternizados, e contrapô-los a partir dos saberes localizados (Haraway, 1995), constitui-se uma potência que prevê a construção de novas maneiras de “ser” e “estar”, valorizando os saberes e experiências de pessoas marginalizadas, além de permitir uma compreensão mais completa e inclusiva do mundo (Lugones, 2014).

Quando olhamos para essas narrativas de existência para além dos estigmas e ódios, que estão dentro de uma lógica de binariedade da ciência moderna - feio/bonito, doente/saudável, normal/anormal, sagrado/profano -, temos a possibilidade de reescrever nossa própria história (Kilomba, 2010). Construir novos saberes a partir da violenta patologização e animalização de corpos dissidentes, é uma maneira de criar

fissuras na rígida estrutura que move o mundo, vazando em potencialidades que criem outras perspectivas, que nos permitam o bem viver e o bem morrer (Haraway, 2016).

RELAÇÕES ENTRE COLONIALIDADE, ORIGENS DA GORDOFOBIA E RACISMO CIENTÍFICO

“Você conhece a *Tribo Bodi*?” Foi a primeira pergunta que fizemos enquanto professoras aos cursistas, despertando curiosidades em relação às culturas não ocidentais e ampliando a visão do que entendemos como saudável e belo. Mostramos aos cursistas, um vídeo popular do *youtube* que falava sobre a *Tribo Bodi*, uma comunidade pastoral localizada na Etiópia, que tem como tradição eleger o homem considerado o mais belo e popular da comunidade, tendo como base o tamanho da barriga, isto é, quanto maior a barriga dos homens da referida tribo, mais bonitos, saudáveis e fortes esses homens são considerados (Isto é África, 2023).

Como o continente africano integra 54 países e mais de 2000 línguas, acreditamos que existam mais comunidades africanas que tenham costumes, crenças e concepções de saúde diferentes daquilo que compreendemos como belo e saudável. Assim, a aula foi iniciada quebrando algumas crenças dominantes.

A história das pessoas negras trazidas do continente africano geralmente é representada com uma visão de miserabilidade, universalismo e atraso, como se todos os países, línguas e culturas que integram a África tivessem a mesma realidade. Isso invisibiliza corpos, culturas, tradições, modos de agir e pensar de muitas pessoas africanas e em processo de diáspora.

Ainda no primeiro momento da aula, além de falarmos sobre a existência de diferentes padrões de corpos e culturas, levantamo-nos também, uma reflexão relacionada a desumanização do continente africano, após o processo de escravidão imposto pelos povos europeus. Alegamos que esse pensamento racista, enraizado simbólica e materialmente, tem a ver com as consequências do colonialismo e da colonialidade, no qual hoje prevalece os princípios da colonialidade moderna (Maldonado-Torres, 2019) em nosso imaginário sobre o que seria África e também sobre a realidade das populações negras na diáspora.

Nesse sentido, “o colonialismo pode ser compreendido como a formação de territórios coloniais, já a colonialidade é uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais” (Maldonado - Torres, 2019, p. 36). Portanto, o colonialismo foi quando os povos europeus exploraram o continente africano, instituindo colônias, impondo línguas e institucionalizando sistemas escravistas. Em contrapartida, a colonialidade é a forma de pensamento, os resquícios referentes aos modos de agir e pensar que inferiorizam as culturas africanas e valorizam a cultura branca europeia.

Por conseguinte, esses processos de estigmatizações contra corpos negros se repercutem diretamente no campo da educação, no qual dentro das instituições de ensino, e, inclusive nos livros didáticos, ocorrerá a imposição de estereótipos e generalizações sobre os corpos negros (Silva; Bezerra, 2017).

Para compreendermos quais foram esses padrões impostos pela colonialidade e de que modo esse pensamento foi constituído, é imprescindível

discutirmos sobre o conceito de raça. Além disso, é válido ressaltar que a referida categoria não é um conceito fixo, apresentando diferentes compreensões ao longo dos séculos.

Diante disso, Munanga, (2003) destaca que durante os séculos XVI e XVII a raça demarcava a diferença entre as classes. No século XVIII, a cor da pele começou a ser um critério fundamental para fazer essa diferenciação, citando as raças branca, amarela e negra. Já no século XIX, período que representou o estopim do racismo científico, além da cor da pele, características relacionadas ao formato do crânio, do nariz, dentre outras partes da estrutura do corpo começaram a ser aderidas nos estudos (Munanga, 2003), consolidando assim as pseudociências.

O racismo, conforme as palavras do autor, é uma ideologia que prega a existência das raças superiores e inferiores. Quanto ao racismo científico, este significou a elaboração de pseudociências para justificar a desumanização de corpos negros. Foi justamente nesse contexto que a gordofobia surgiu, ainda que não nomeada dessa forma naquele contexto, mas sim, experienciada por mulheres negras, no qual nos amparamos nas reflexões de Sabrina Strings (2019), que explana a respeito da origem racista da gordofobia.

Retomando ao conteúdo da formação do curso, posteriormente à explicação sobre o racismo científico e como a ciência corroborou com a desumanização de corpos negros no decorrer da história, apresentamos aos cursistas um trecho descrito por Strings (2019), a qual relatava como o racismo contribuiu com a propagação da gordofobia:

Ao contrário dos europeus, os africanos, afirmavam eles, não tinham capacidade intelectual ou moral para uma autodisciplina racional. Em vez disso, eles eram inclinados a ceder aos vícios mais vis da carne: comida e fornicção. De acordo com Buffon, os africanos subsaarianos, especialmente, conseguiram se manter “bem alimentados” com pouco esforço, dado o clima local e seus arredores verdes exuberantes. O resultado foi que eles eram “altos e rechonchudo, mas simples e estúpidos” (Strings, 2019, p. 4).

Segundo Strings (2019), Conde de Buffon era o guardião do jardim botânico real de Paris, e em 1749 publicou seus achados na obra *História Natural: geral e particular*. Além disso, existiram outros cientistas, tais como Le Romain e Diderot, citados por Strings (2019), que contribuíram para a propagação de estereótipos de que os africanos eram preguiçosos, selvagens e glutões.

Diante disso, com base nesses estudos, foi propagada a ideia de que os africanos comiam muito e eram indisciplinados, o que perdurou até a virada do século XIX, segundo Strings (2019), construindo imaginários depreciativos sobre pessoas negras, principalmente sobre mulheres negras. Esses imaginários eram percebidos e assimilados, por meio das apresentações que faziam da figura de Sarah Baartman, nomeada de Vênus Hotentote pelos europeus.

No que se refere a trajetória de Sarah, existem poucos estudos traduzidos que falam a respeito da história dela e das intersecções entre racismo e gordofobia em si. Porém, pelas informações baseadas em artigos traduzidos no ciberespaço, em especial de sites informativos como BBC News, dentre outros, encontramos que Sarah Baartman

nasceu em 1789 na província Sul Africana do Cabo Oriental, sendo pertencente ao povo khoikhoi. Ela chegou a trabalhar como doméstica, mas seu companheiro havia sido assassinado, além dela ter perdido o bebê que havia tido também (Parkinson, 2016).

No ano de 1810, ela assinou um contrato, apesar de não saber ler e nem escrever, elaborado pelo dono da casa onde ela trabalhava como doméstica e também por um cirurgião inglês. Nesse documento estava escrito que ela viajaria para Inglaterra e seria apresentada como atração (Parkinson, 2016). Nessas viagens, ela foi apresentada como Vênus Hotentote devido a uma especificidade corporal que ela apresentava, chamada de esteatopigia. A esteatopigia significa o acúmulo de gordura nas nádegas.

Essa condição fazia com que ela fosse vista como algo primitivo, selvagem e exótico. Representações essas que eram expostas em forma de charges que mostravam o corpo de Sarah de forma estigmatizada e pejorativa.

Baartman realizou turnês de apresentações na Grã-Bretanha e na Irlanda, chegando a Paris em 1814. Foi estudada, explorada e morreu aos 26 anos. Georges Cuvier, um naturalista, fez um modelo de gesso do corpo de Sarah Baartman e preservou o cérebro e os órgãos genitais dela em frascos que ficaram como exposição no Museu do Homem em Paris até 1974 (Parkinson, 2016).

Esses acontecimentos nos ajudam a perceber como a gordofobia está atrelada ao racismo a nível interseccional, porque as opressões de raça, de gênero, classe e de nacionalidade contribuem para a amplificação das discriminações que atravessam as avenidas identitárias, no qual as mulheres negras estão localizadas (Crenshaw, 2002).

Ao final dessas reflexões, os cursistas foram provocados a entender como, a partir de um olhar interseccional a respeito da categoria raça, as atuações do racismo científico culminaram na desumanização dos corpos negros, relacionando o racismo com a origem da gordofobia.

A interseccionalidade como ferramenta analítica, conforme aponta Akotirene (2019), nos ajuda a observarmos a estigmatização sobre a vida de mulheres negras gordas, especificamente nas mídias e filmes produzidos pelo ocidente. Nesse contexto, os movimentos sociais contra a gordofobia vêm produzindo ativismos, denúncias e, paulatinamente, estudos para visibilidade da luta contra a gordofobia e racismo.

POR UMA EDUCAÇÃO ANTIGORDOFÓBICA E ANTIRRACISTA: REFLEXÕES INICIAIS PAUTADAS NO ATIVISMO GORDO DIGITAL

O combate à gordofobia pode ser realizado principalmente no âmbito educacional, quer seja na educação formal dentro das escolas e das universidades, quer seja na educação informal, que, para Gohn (2006), significa a socialização dos conhecimentos por meio de atitudes e hábitos que educam no nosso cotidiano.

Esses conhecimentos aprendidos no dia a dia estão ganhando ainda mais força por meio do ciberativismo, isto é, das lutas e manifestações de movimentos sociais, grupos de pesquisa e influenciadores que utilizam as redes sociais como forma de promover uma educação antigordofóbica e antirracista.

A partir de uma breve abordagem netnográfica, identificamos alguns perfis na rede social do *Instagram*, que apresentamos aos cursistas que participaram da formação

conosco sobre as intersecções entre racismo e gordofobia. Dentre as páginas que identificamos na esfera virtual, as quais promovem uma educação contra a gordofobia e contra o racismo, podemos citar: “atleta_de_peso”, “malujimenez_”, “pesquisa gorda”, “rosamefricana”, dentre outros perfis.

O perfil “atleta_de_peso” no Instagram, por meio de vídeos e reflexões, produz conteúdos que revelam a gordofobia no nosso dia a dia. Os vídeos produzidos mostram, em sua maioria, pessoas gordas se exercitando, desconstruindo o estigma do senso comum de que apenas pessoas magras são saudáveis e não sedentárias, preconceito este fruto das inter-relações entre gordofobia e racismo científico.

O perfil reforça que precisamos parar de relacionar a atividade física apenas com o emagrecimento e a punição, uma vez que a saúde e a magreza não são sinônimos. A “atleta_de_peso” reforça que as pessoas têm o direito de se movimentar, de realizar exercícios pela saúde mental e por diversão, sem necessariamente cobrar-se de modo excessivo para emagrecerem. Essa cobrança dos indivíduos surge quando, por exemplo, ao final dos exercícios, dizem que “está pago” o seu dia, expressão utilizada no dia a dia do senso comum, como se estivessem devendo algo caso não se exercitem para queimar as calorias do dia.

As reproduções da gordofobia relacionando o peso à preocupação com a saúde são manifestações da gordofobia na sociedade. A filósofa Malu Jimenez, na sua página do Instagram denominada “malujimenez_”, vem combatendo a gordofobia por meio da produção e divulgação de comunicação científica sobre estudos do corpo gordo, ativismo e combate a gordofobia. As publicações da autora explicam de forma didática e acessível a todos os públicos como a gordofobia se manifesta no mundo, propondo um novo entendimento de saúde mais ampla, participativa, horizontal, humanizada e de escuta. Ela mostra que toda gordofobia acaba vindo da saúde e questiona sobre o que significa ter saúde em uma sociedade capitalista e neoliberal.

O perfil “Pesquisa Gorda” é um grupo de estudos transdisciplinares das corporalidades gordas no Brasil, conforme descrito pelo próprio grupo via *Instagram*, sendo cadastrado na plataforma CNPQ pela UFRJ como “pesquisas ativistas, comunicação científica e epistemologias engorduradas”. O grupo promove várias formações on-line e gratuitas, dialogando sobre gordofobia, direitos humanos, saúde, educação, arte, ativismo, epistemologias engorduradas, interseccionalidade, dentre outros temas correlacionados, fazendo intersecções entre gordofobia e outras formas de opressão, tais como o racismo e o sexismo, entre outras opressões estruturais.

Em 2022 aconteceu o I Congresso da Pesquisa Gorda no Brasil, “Pesquisa Gorda: Ativismo, Estudo e Arte”, de forma remota, registrado no Youtube do Pesquisa Gorda. Tivemos mais de 200 inscrições e 60 trabalhos apresentados, 4 mesas de debate, com participação de pesquisadoras da Argentina, Colômbia, México, show de encerramento do Rap Plus Size e a produção de Anais com trabalhos completos apresentados no Congresso (Jimenez-Jimenez, 2024, p. 11).

A página “rosamefricana” é administrada por Sulamita Rosa da Silva, que produz conteúdos contra o racismo, contra a gordofobia e outras opressões estruturais, construindo diálogos sobre as formas de produção de conhecimento, pesquisas

decoloniais, entre outros temas. Uma das postagens que fazem relação da gordofobia com o racismo criada pelo perfil, tem por título “existe gordofobia dentro do movimento negro?” e autora nos revela:

A gordofobia é a discriminação contra pessoas gordas. Um preconceito de caráter estrutural. Ela está presente em todo o lugar, e acredito que de forma “velada” também dentro dos movimentos negros e feministas. A cultura do “tá pago” na academia de modo punitivista, do “chutar o balde”, quando se come um prato de comida normal, comentários desrespeitosos sobre o corpo do outro entre outras ações, ainda estão muito presentes dentro das comunidades negras [...] A população mais atingida pela gordofobia é a população negra, morrendo nas portas dos hospitais por não terem direito ao atendimento. Racismo institucional e gordofobia (Silva, 2023).

A relação da autora, ao dizer que muitas pessoas negras e gordas morrem sem ter direito ao atendimento, pode ser assemelhada com casos como o de Victor Augusto, um homem negro e gordo que morreu após aguardar atendimento durante muitas horas dentro da ambulância, por não terem macas para pessoas gordas no Hospital Geral de Taipas em São Paulo (Franco, Rosa, 2023).

Não é apenas o caso de Victor, em diversos ambientes vemos a gordofobia enraizada, no que se refere a falta de infraestrutura e equipamentos para atender corpos diversos, não apenas nos hospitais, mas também nas próprias escolas, nos formatos das carteiras, nos banheiros escolares, entre outros ambientes, o que corrobora para a cultura da gordofobia, o que resulta na exclusão e no adoecimento de corpos gordos.

As discussões raciais ainda não têm se adentrado na luta contra a gordofobia de modo mais assertivo. Como aprendemos com Audre Lorde, não existem hierarquias de opressão, então, assim como “qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão de negros, porque milhares de lésbicas e gays são negros” (Lorde, 2019). A partir disso, compreendemos que qualquer ataque contra pessoas gordas também é uma questão de negros, porque milhares de pessoas gordas são negras.

Esses ensinamentos estão sendo aprendidos com maior potência e rapidez por meio do ativismo digital, nos espaços das redes sociais, como *Instagram*, *Tik Tok*, *Facebook*, dentre outras ferramentas, cujo processo educacional se faz presente. Vale destacar que essa socialização com os espaços digitais ampliaram-se principalmente no contexto pós-pandemia.

Não obstante, também é possível a utilização das redes sociais como ferramentas de ensino na educação formal, isto é, dentro de sala de aula. Souza (2014) aponta o potencial pedagógico das redes sociais e o professor como mediador do uso dessas redes nas escolas.

Além dos avanços da tecnologia e da luta contra discriminações, nos deparamos com desafios multiplicados, tanto dos professores, para obterem letramento racial e antigordofóbico, entendendo a importância dessas temáticas nas escolas e universidades, como a utilização das redes sociais e das tecnologias como forma de potencialização do ensino e da aprendizagem.

SILVA, S. R. da; JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; SOUZA, S. H. V. de.

Nessa perspectiva, acreditamos que os estudos antirracistas e anti-gordofóbicos no campo da educação podem ser implementados por meio dos conteúdos produzidos no ciberespaço, sobretudo nas redes sociais, sendo esses conteúdos conquistas promovidas pelo ativismo gordo de modo interseccionado. Uma educação verdadeiramente transformadora, relaciona-se com as mudanças que ocorrem no cenário da sociedade, em especial na utilização das tecnologias digitais, expandido o conhecimento produzido por diferentes grupos e denunciando mazelas sociais.

Nesses estudos, percebemos a necessidade e a importância de construir rompimentos e furos no muro dentro da academia, propondo revisões e críticas a teorias embranquecedoras. Logo, é preciso pensar de uma forma que a educação e a formação sejam construídas com o objetivo de tornar os protagonistas das pesquisas em escritores da própria história, reconhecendo a pluralidade dos sujeitos e suas particularidades e potencialidades.

Artigo recebido em: 23/05/2024

Aprovado para publicação em: 25/07/2024

INTERSECTIONS BETWEEN RACISM AND FATPHOBIA TO BUILD ANTI-RACIST AND ANTIFATPHOBIA EDUCATION

ABSTRACT: The present study analyzed the impact of the intersection between racism and fatphobia in the educational environment, using authors and authors on transdisciplinary studies of fat studies as a theoretical basis, intersecting with reflections on race, decoloniality and intersectionality. Furthermore, this study was supported by a netnographic approach with contributions from fat activists in cyberspace, with the content taught in an online training, entitled "Intersections between Racism and Fatphobia: an introduction", with the aim of promoting practices anti-racist and anti-gordophobic educational programs. It is hoped that the research will stimulate debates on Human Rights, specifically in formal and non-formal education.

KEYWORDS: Fatphobia; Racism; Intersectionality; Human Rights.

INTERSECCIONES ENTRE RACISMO Y GORDOFOBIA PARA CONSTRUIR UNA EDUCACIÓN ANTIRRACISTA Y ANTIGORDOFOBIA

RESUMEN: El presente estudio analizó el impacto de la intersección entre racismo y gordofobia en el ámbito educativo, utilizando como base teórica a autoras y autores sobre estudios transdisciplinarios de la corporeidad gorda, cruzándose con reflexiones sobre raza, descolonialidad e interseccionalidad. Además, este estudio se apoyó en un enfoque netnográfico con aportes de activistas gordos en el ciberespacio, con el contenido impartido en una capacitación en línea, titulada "Intersecciones entre racismo y gordofobia: una introducción", con el objetivo de promover prácticas educativas antirracistas y antigordofóbicas. Se espera que la investigación estimule los debates sobre los Derechos Humanos, específicamente en la educación formal y no formal.

PALABRAS-CLAVE: Gordofobia; Racismo; Interseccionalidad; Derechos Humanos.

NOTAS

1 - Optamos por utilizar *Corpas Gordas* no feminino, porque utilizamos a lógica *cuir* como ressignificação política de seu significado original. Atentamos para o uso feminino ao nos referir aos. É o poder subversivo do termo, e de caráter feminista e de linguagem inclusiva, no rompimento do masculino ao nos referir às mulheres. Sobre o assunto consultar Judith Butler, *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Síntesis. 2004; Joan Scott. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. New York: Columbia University Press. 1989.

2 - Pesquisa de doutorado sendo realizada na Universidade de São Paulo cujo título é “Vozes de mulheres negras que atuam na cozinha do Restaurante Universitário e nos serviços de limpeza da Universidade Federal do Acre/Campos Rio Branco” de autoria de Sulamita Rosa da Silva.

3 - Pesquisa de pós-doutorado intitulada “Obesidade: estigma da gordofobia”. É realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro e financiada pelo CNPQ. O foco da referida pesquisa é demonstrar como a saúde é violenta com as corporalidades gordas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições, 2020.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1977.

COLLINS, P. H **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CRENSHAW, K. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. Universidade Federal de Santa Catarina, **Revista Estudos feministas**, 2002.

CWYNAR-HORTA, J. The commodification of the body positive movement on Instagram. **Stream: Culture/Politics/Technology**, v. 8, n. 2, 2016, p. 36-56.

FACHIM, F. L. **Narrativas sobre o (meu) corpo gordo**: Estudo autoetnográfico rumo a uma Psicologia Gorda. 2022. 100 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Doutorado em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo – PUC-SP. São Paulo – SP, 2022. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/26508>. Acesso em: 4 maio 2024.

SILVA, S. R. da; JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; SOUZA, S. H. V. de.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANCO, A.; ROSA, P. Gordofobia, racismo e sistema de saúde: porque a história de Vitor Augusto não é um caso isolado. **Revista Afirmativa**, 2023. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/gordofobia-racismo-e-sistema-de-saude-porque-a-historia-de-vitor-augusto-nao-e-um-caso-isolado/>. Acesso: 4 maio 2024.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas**. V. 12, n. 50, 2006.

HARAWAY, D. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. **Clima Com Cultura Científica**, v. 3 n. 5, p. 139-146, 2016.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7- 41, 1995.

ISTO É ÁFRICA. O mais GORDO é o mais ATRAENTE. **TRIBO BODI**, vídeo do youtube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IL2eJKwdpis>. Acesso em: 4 maio 2024.

JIMENEZ- JIMENEZ, M. L. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 4, n. 1, p. 144-161, 2020b. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643/2534>. Acesso em: 4 maio 2024.

JIMENEZ- JIMENEZ, M. L. **O corpo gordo como resistência**, blog lute como uma gorda, 2019. Disponível em: <https://lutecomoumagorda.net/2020/01/14/o-corpo-gordo-feminino-como-resistencia/>. Acesso em: 4 maio 2024.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. *et al.* Coordenação do grupo de estudos transdisciplinares das corporalidades gordas – Pesquisa Gordas. **Manifesta Gordas**. Belo Horizonte: Agência de Iniciativas Cidadãs – AIC, 2023. Disponível em: <https://pesquisagordegp.wixsite.com/gordes/lead-collection>. Acesso em: 4 maio 2024.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. **Lute como uma gorda**: gordofobia, resistências e ativismos. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020a. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/4081>. Acesso em: 4 maio 2024.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. Verbete: Feminismo Gordo. **Enciclopédia Mulheres na Filosofia**. Unicamp, Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v. 7, n. 4, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/2024/03/06/feminismo-gordo/>. Acesso em: 4 maio 2024.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; Cruz T. K.; CERQUEIRA GOMES, M. P. O “combate” a “obesidade”: dispositivos de tortura e castigo em nome da saúde: torture and punishment devices in the name of health. **Revista Debates Insubmissos**, v. 6, n. 23, p. 220–239, 2023.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/debatesinsubmissos/article/view/259768>.

Acesso em : 4 maio 2024.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; FACHIM, F.; GOMES, R. S.; MELO, M. T. C. C.; ANDRADE, J. B.; CARPANETTI, R. R.; PILGER, C. R. **Possibilidades em pesquisa gorda**: estratégias de (re)existências na produção de saberes fora do eixo. *Fermentario*, 16, 2022, pp. 1-19.

Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/fermen/article/view/1524>. Acesso em: 4 maio 2024.

KILOMBA, G. “The Mask”. In: KILOMBA, G. **Plantation Memories**: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010.

LORDE, A. Não existe hierarquia de opressão. In: BUARQUE, H.B. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 235-236, 2019.

LUGONES, M. Rumo ao feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3), 2014, p. 935-952.

LUPTON, D. **Fat**. [Shortcuts Series]. London: Routledge, 2013.

MALDONADO-TORRES, M. N. Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. (Orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019.

MELO, M. T. C. de C. “GORDOCÍDIO”: UMA ANÁLISE DA POLÍTICA SISTÊMICA DE MORTE DE PESSOAS GORDAS NO BRASIL. **Anais de Artigos Completos do VII CIDH Coimbra 2022 - Volume 6 / César Augusto R. Nunes et. al. (org.) [et al.] – Campinas / Jundiá: Brasília / Edições Brasil**, 2023. Disponível em:

<https://trabalhoscidhcoimbra.com/ojs/index.php/anaiscidhcoimbra/article/view/1726>.

Acesso em: 4 maio 2024.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Editora Vozes Limitada, 2011.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira, Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em:

https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoesDeRacaRacismoidentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 4 maio 2024.

SILVA, S. R. da; JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; SOUZA, S. H. V. de.

O'REILLY, C.; SIXSMITH, J. From theory to policy: Reducing harms associated with the weight-centered health paradigm. **Fat studies**, v. 1, n. 1, p. 97-113, 2012.

PARKINSON, J. BAARTMAN, S. **A chocante história da africana que virou atração de circo**. BBC News Magazine, 2016.

PAUSÉ, C. BATUKA: Introdução aos Fat Studies. **CAOS–Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. João Pessoa, v. 1, n. 28, p. 65-94, 2022.

POULAIN, J.-P. **Sociologia da obesidade**. São Paulo: Senac, 2013.

PUHL, R. M.; ANDREYEVA, T.; BROWNELL, K. D. Perceptions of weight discrimination: prevalence and comparison to race and gender discrimination in America. **International Journal of Obesity**, Londres, v. 32, n. 6, p. 992-1000, 2008

PIZA, E. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: BENTO, M. A. S.; CARONE, I. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (organizadoras)**. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2016.

SILVA, S. R. da. **Existe gordofobia dentro do movimento negro?** Instagram, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CshYT4ahqvl/?iqsh=MXVjODI2ZDkzYTM4bw>. Acesso em: 4 maio 2024.

SILVA, S. R. da; Bezerra, M. Irinilda da S. História e cultura afro-brasileira nos livros didáticos. **Anthesis**, v.5, n. 10, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/1146>. Acesso: 4 maio 2024.

SOUZA, S. H. V. de. **Por um Serviço Social Gordo**: a gordofobia como expressão da questão social. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social). Universidade Federal do Triangulo Mineiro. Uberaba, Minas Gerais, 104 p. 2022.

SOUZA, V. B. **Redes sociais e educação**: um diálogo possível. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares). Universidade Federal da Paraíba, 2014.

STRINGS, S. **The Racist Origins of Fatphobia**. Bust, 2019. Disponível em: <https://bust.com/racist-origins-of-fatphobia>. Acesso: 4 maio 2024.

SULAMITA ROSA DA SILVA: Docente da Universidade Federal do Acre (Ufac). Pedagoga, mestre em educação pela Ufac e doutoranda em educação pela Universidade de São Paulo. Pesquisa sobre relações étnico-raciais e de gênero, tendo como foco as histórias de vida de mulheres negras no âmbito da educação.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3618-4775>

E-mail: sulamita.silva@ufac.br

MARIA LUISA JIMENEZ-JIMENEZ: Professora na pós-graduação em comunicação na Universidade Estadual de Londrina - UEL e Universidade católica de Minas Gerais – PUCMinas. Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal do Mato grosso - UFMT, pós- doutoranda em Psicossociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ. Líder do grupo de Pesquisa Estudos transdisciplinares das corporalidades gordas no Brasil - Pesquisa Gordá.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3234-867X>

E-mail: malujjimenez@gmail.com

SUYANNE HÉRIA VIEIRA DE SOUZA: Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); gordoartista; Mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal do Tocantins- (UFT); Coordenadora no Grupo de estudos transdisciplinares das corporalidades gordas do Brasil – PESQUISA GORDA vinculado ao CNPQ através da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Desenvolve pesquisas sobre a gordofobia como expressão da questão social voltadas para a construção de políticas públicas de reconhecimento dos direitos das pessoas gordas na linha Serviço Social, diversidade e Direitos Humanos.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-0195-4861>

E-mail: suyanneheriasouza@gmail.com

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).